

**NEOLIBERALISMO E LIBERDADE: uma crítica a partir da
sociologia de Zygmunt Bauman**
**NEOLIBERALISM AND FREEDOM: a critique by the sociology of
Zygmunt Bauman**

Samuel de Lima Aquino¹

RESUMO: Este trabalho pesquisa a obra do sociólogo Zygmunt Bauman (1925-2017) com ênfase em seu conceito de liberdade, pensado desde meados do século XX até suas últimas produções intelectuais, abordando como pensar o referido conceito é intrínseco às análises críticas produzidas sobre o neoliberalismo. Portanto, o principal objetivo deste trabalho é perscrutar o conceito de liberdade elaborado por Bauman, analisando o modo como tal influencia sua sociologia a ser crítica e contrária ao neoliberalismo. Observou-se que a conceituação de liberdade é desenvolvida nas obras de Bauman sistematicamente entre a década de 80 e meados dos anos 2010 do presente século. A partir de um levantamento bibliográfico do conceito de liberdade, foram encontradas discussões autorais relacionadas em mais de 15 livros de Bauman. Assim, discutindo suas assertivas diagnósticas e limites, a presente pesquisa analisa e descreve o modo a obra em questão se afasta e refuta os pilares conceituais do neoliberalismo.

Palavras chaves: Zygmunt Bauman. Neoliberalismo. Liberdade. Segurança.

ABSTRACT: This work researches the work of the Polish sociologist Zygmunt Bauman (1925-2017) with an emphasis on his concept of freedom, thought from the mid-twentieth century to his last intellectual productions, addressing how thinking this concept is intrinsic to the critical analyzes produced on neoliberalism. Therefore, the main objective of this work is to scrutinize the concept of freedom elaborated by Bauman, analyzing how it influences his sociology to be critical and contrary to neoliberalism. It was observed that the concept of freedom is systematically developed in Bauman works between the 1980s and the mid-2010s of the present century. From a bibliographic survey on the concept of freedom, discussions autoral were found in more than 15 books by Bauman. So, discussing its diagnostic assertions and limits, the present research analyzes and describes the way the abra in question moves away from and refutes the conceptual pillars of neoliberalism.

Keywords: Zygmunt Bauman. Neoliberalism. Freedom. Safety.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pesquisa a obra do sociólogo polonês de origem judaica Zygmunt Bauman (1925 - 2017) com ênfase em seu conceito de liberdade, pensado desde meados do século XX até suas últimas produções intelectuais, abordando como pensar o referido

¹ Bacharel em Humanidades e graduando em Licenciatura Plena em Sociologia. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB – CE). E-mail: samuellima2111@gmail.com

conceito é intrínseco às análises críticas produzidas sobre o neoliberalismo e às suas conjunturas. Nesse sentido, é importante ressaltar que o neoliberalismo é um sistema normativo, político, econômico, ideológico, causal e performativo do gerenciamento do sofrimento psíquico que mais esteve arraigado em noções de liberdades como *modus operandi* de oposição às conjunturas societárias, a partir de sua criação (BROWN, 2019; DARDOT e LAVAL, 2017; SAFATLE *et al*, 2020), entre outros estudos. Com isso, tendo como ponto de partida teórico irrevogável a liberdade, sendo preferível entre os pares, "liberdade individual" (HAYEK, 2010) separada das noções de social e político, dentre outras nuances, o neoliberalismo cunhou uma oposição histórica em relação a determinados princípios do liberalismo como o *laissez-faire*, o keynesianismo e as prerrogativas democráticas modernas de que o Estado social deve ser protecionista do bem-estar, da sociedade e da justiça social. Desse modo, observou-se que a conceituação de liberdade é desenvolvida nas obras de Bauman sistematicamente entre a década de 80 e meados dos anos 2010 do presente século e não há como expor uma síntese do que é liberdade para o sociólogo sem deixar de lado nuances tais como, a liberdade que fala Bauman é política? Individual? Social? Sua crítica à liberdade é a mesma que liberdade de consumo? Quais propostas interpretativas relacionadas à segurança e liberdade? Por isso, para atenuar essas perdas, neste trabalho o conceito será abordado a partir de três períodos bibliográficos, sendo sinalizados o *clímax* de cada período através de uma determinada obra.

Isto é, o primeiro período corresponde ao Bauman que escreve até a publicação de *A Liberdade* (1989), onde está amadurecida a noção de liberdade como relação social; consecutivamente, o segundo ao que escreve até *O Mal-estar da Pós-modernidade* (1998a), com a problemática da liberdade enquanto qualidade ambivalente e intrínseca à noção de segurança; o terceiro, expõe uma análise consequencialista à liberdade e segurança que permeia toda Teoria da Modernidade Líquida, análise essa, revisada e apresentada em *O retorno do Pêndulo: sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido* (2017). Os três períodos abordados em comum apresentam um sentido de liberdade dos sujeitos que é inseparável das relações sociais tanto em suas coerências quanto em suas contradições. Contanto que as noções de bem público, política e justiça social se sobreponham (BAUMAN, 2000), são justamente essas noções que o neoliberalismo em décadas se propôs a assaltar (BROWN, 2019). Dessa maneira, Zygmunt Bauman teve sua vida intimamente

atrelada a acontecimentos históricos que marcaram o século XX (CAMPBELL *et al.*, 2018), o que lhe situou numa luta entre fascismo, nazismo, comunismo e capitalismo (SMITH, 2016).

Neste trabalho serão investigadas suas tensões teórico-sociais com o neoliberalismo. Assim, a noção de liberdade na obra de Bauman representa um modelo crítico às disparidades de poderes que opõem indivíduos e os responsabiliza sistematicamente pelas condições de insegurança emergidas no processo de erosão da solidariedade pelo neoliberalismo (BAUMAN, 1989; 1998a; 2000). Portanto, o principal objetivo deste trabalho é perscrutar o conceito de liberdade elaborado por Bauman, analisando o modo como tal influencia sua sociologia a ser crítica e contrária ao neoliberalismo.

Pensar sobre a genealogia do neoliberalismo é um parâmetro viável para lidar com a complexidade do tema e formações discursivas (JUNIOR, 2020) que se entrelaçam historicamente. Sua gênese trata-se do Colóquio Walter Lippmann, organizado principalmente pelo filósofo francês Louis Rougier de 26 a 30 de agosto de 1938 no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, organismo antecessor da Unesco (DARDOT e LAVAL, 2017). Para os autores, esse encontro marca a fundação do neoliberalismo, confortando estudos que são frequentemente considerados como marco: a criação da Sociedade Mont Pèlerin em 10 de abril de 1947, na Suíça. Entretanto, enfatizam que os dois acontecimentos estão correlacionados, sendo a instituição o prolongamento daquilo iniciado em 1938. Nesse último sentido, Brown (2019), ressalta que a reunião de acadêmicos em questão lançou as bases político-intelectuais que posteriormente se tornaria a Sociedade Mont Pèlerin, emergida no pós-guerra. A instituição atualmente ainda é pertinente para intelectuais e outros agentes neoliberais².

Para Dunker *et al* (2020), essa institucionalização do pensamento neoliberal tratou-se de oficializar um engajamento sistêmico, atuante dos teóricos do neoliberalismo na cultura como maneira de combater o socialismo, o Estado de bem-estar social entre outros modos de governança que advogam a preponderância da noção de coletividade. Nessa perspectiva, as doutrinas keynesianistas foram as primeiras a serem rejeitadas pelos

² Haja vista, a organização de uma Assembleia Geral que ocorrerá Oslo, Noruega, de 4 a 8 de outubro de 2022 cujo o tema “Liberal Institutions and International Order—Renewing the Infrastructure of Liberty”, pretende propor mudanças no liberalismo frente aos desafios atuais. Disponível em: <https://mpsoslo.org/about/>. Acesso em: 22 de junho de 2022.

intelectuais e políticos neoliberais, depois de modo mais efetivo opuseram-se a toda e qualquer narrativa arraigada na promoção da justiça social. As bases político-intelectuais evidenciadas são unânimes no que se refere ao neoliberalismo e em seu sentido histórico privilegiam noções de liberdades individuais desenraizadas da sociedade e do social como espaço de superação conjuntas das estratificações políticas (BROWN, 2019). Ainda conforme a autora, o neoliberalismo explicitou e cumpriu o objetivo de dismantelar o Estado social, retirando do centro do debate público as noções de sociedade e justiça social. As décadas neoliberais, afirma a mesma, foram marcadas pelo projeto de dismantelar e depreciar o Estado social em nome de indivíduos livres e responsáveis por si. Para Junior (2020), trata-se do discurso e ascensão do “sujeito-empresa”, atuante a partir dos anos 1990. A referida oposição ao social se expressou como o ponto aglutinador da racionalidade neoliberal, primeiro entre os intelectuais fundadores e segundo por representantes políticos. Os intelectuais participantes do colóquio de 1938 partiam de pontos divergentes no tocante à questão de trazer à tona um “novo liberalismo” ou afirmar aquilo ineditamente denominado como “neoliberalismo”. Desse modo, a possibilidade de consumir uma plena transformação do liberalismo ou promover o retorno ao seu estado clássico à época sem a crença no *laissez-faire* são facetas dessas divergências expressas pelo colóquio.

Porém, conforme Dardot e Laval (2017), dentre as divergências uma prerrogativa se mostrou incontornável entre os teóricos assumindo um caráter destacável e foi levada à cabo durante os anos seguintes por diversos signatários do neoliberalismo: um *front* veemente contra o “intervencionismo de Estado” e “escalada do coletivismo”, sustentado por uma teorização intervencionista neoliberal³. Esse foi a premissa do colóquio, alcançado somente pela reorganização da conjuntura mundial no pós-guerra e a superação de divergências entre intelectuais que formaram a Sociedade de Mont Pèlerin, dentre eles um de seus fundadores, o austríaco Friedrich Hayek que estava presente no colóquio de 1938 e terá seu conceito de liberdade e oposição teórica ao social abordados neste trabalho. Nesta perspectiva, discutindo suas assertivas diagnósticas e limites, a presente pesquisa analisa e descreve o modo como a sociologia de Zygmunt Bauman se afasta e refuta alguns pilares conceituais do neoliberalismo.

³ Entendido aqui como a *raison d'être* do neoliberalismo. Tradução livre: razão de Ser.

PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE O NEOLIBERALISMO

Considerando a experiência político-econômica de governos neoliberais é notório que este sistema é avesso às sociedades fundamentadas na solidariedade econômica e não tarda em condicionar a liberdade dos sujeitos. Brown (2019), demonstra que de maneira conceitual, normativa e prática como o neoliberalismo se propôs a destruir o espectro de inteligibilidade, justiça e bem comum arraigados à definição de social e de sociedade. Para a autora, o suprassumo do neoliberalismo, no sentido abordado nos trechos anteriores, foi a declaração de inexistência da sociedade por Margaret Thatcher em sua frase (“não existe tal coisa...”), “sociedade” (BROWN, 2019, p. 38), utilizando assim de maneira pejorativa noção de sociedade e tudo aquilo que é apelativo ao entendimento de coletividade. Durante o final da década 90 Zygmunt Bauman realizou uma análise contida em três livros que expôs os fundamentos daquilo que se tornaria consecutivamente até seus escritos finais a Teoria da Modernidade Líquida, trata-se de: *Globalização as Consequências Humanas* (1999b), *Em Busca da Política* (2000) e *Modernidade Líquida* (2001). Com isso, Bauman (2000), explicita uma crítica ao neoliberalismo e sua oposição ao entendimento de solidariedade, já amadurecida em relação a outras obras anteriores, como será demonstrado ao longo deste trabalho.

Bauman crítica, tal como Brown (2019), entretanto vinte anos antes, a frase para ele “[...] infame profissão de fé neoliberal” de Margaret Thatcher “não existe essa coisa chamada sociedade” (BAUMAN, 2000, p. 42), para a constatação da preposição que o neoliberalismo à época já havia vitimizado a ideia de solidariedade na vida política. Bauman alega que se para Thatcher havia a negação da sociedade e sustentação do imperativo de somente a existência de “indivíduos” e “famílias” com os mercados desregulamentados, logo há um sentido vazio e contraditório do discurso neoliberal em torno de indivíduos ligados a uma única coletividade, a família, uma vez que o individualismo exacerbado relacionado à racionalidades de mercados tende a flexibilizar os laços de sociabilidade e reciprocidades, fundamentais para a sustentação da categoria citada. Há limites na sociologia de Bauman quanto a este eixo do tema, como a proposição de Bauman acerca da contradição *a priori* entre neoliberalismo e família e, conseqüentemente, a individualização subserviente à racionalidade de mercados. Pode ser considerada assertiva

a descrição da contradição manifestante, mas a mesma não apreende a distribuição e aferição de seus elementos a favor do neoliberalismo.

Em outras palavras, a categoria família não só foi flexibilizada pelo neoliberalismo, como também foi canalizada a seu favor para a reprodução de seu fundamento, controverso ao social. Essa virada neoliberal, identificada por pesquisadores contemporâneos, apartou os serviços de saúde, educação, segurança e outros como direitos fundamentais dos Estados sociais, os desresponsabilizando com relação aos indivíduos, sendo tais responsabilidades destinadas às famílias (Cooper, 2017) no processo de privatizações e desregulamentações financeiras. Outro exemplo é a aglutinação sistêmica do discurso das direitas em prol da defesa da família e liberdade de expressão em muitos países marcados pelo neoliberalismo, o que coincidiu com o levante da política antidemocrática (BOWN, 2019). Ademais, o avanço das políticas de austeridade mesmo após a crise econômica de 2008 e implicações na redistribuição (BLYTH, 2017).

Além disso, a relação entre neoliberalismo e liberdade tecida neste trabalho não se volta somente para a estrutura analítica da obra de Bauman. Outrossim, volta-se para o estudo das noções de liberdade dos principais teóricos do neoliberalismo, delimitando-se a Friedrich Hayek e Milton Friedman por motivos objetivos: proeminente da Escola Austríaca, Hayek esteve presente no Colóquio Walter Lippmann e foi protagonista para a fundação da Sociedade Mont Pèlerin, suas teses influenciaram gerações de neoliberais por todo mundo, inclusive os segmentos mais radicais que depreciam o conceito de solidariedade e sociedade. Para Brown (2019), considerando os pensadores neoliberais, Hayek é o que de maneira mais profunda hostiliza o conceito de sociedade, sendo este para ele avessa aos mercados e à moral que fundamentam a liberdade. Em sentido semelhante, Silva *et al*, (2020) demonstra que o mesmo com sua noção de liberdade individual invariavelmente separada de sistemas coercitivos e mais especificamente do Estado cabível à justiça social prepara terreno para a defesa máxima da não intervenção aos mercados, pois a livre concorrência desses conserva a liberdade.

Quanto a Milton Friedman, suas ideias no tocante a liberdade, representam fundamentos do neoliberalismo da Escola de Chicago, aliás, ideias essas, influentes a ex-alunos neoliberais que atuaram no Ministério da Economia Chilena durante a primeira experiência totalitária de cunho neoliberal, iniciada em 1973 após o golpe de Augusto Pinochet (DUNKER, 2020; JUNIOR, 2020). Nesse contexto, para Brown (2019), Friedman

defendia que o Estado e os poderes políticos legislados diminuem os benefícios econômicos e impossibilitam a liberdade. Para ele, somente os mercados possibilitam o alcance da liberdade. Porém, não parece elucidada como em Hayek a noção de liberdade em Friedman, conforme Silva *et al*, (2020), o pressuposto de maximização dos lucros e instrumentalizações normativas elaboradas por Friedman sustentam sua ideia de liberdade viabilizada pelo enfraquecimento do poder político. Como visto, ambos autores impactam a história do neoliberalismo em sua *raison d'être* e *práxis*.

Deve ser levado em consideração que Bauman realizou sua teorização crítica de liberdade e análise sociológica controversa ao neoliberalismo anterior à revisão e requalificação acadêmica do tema pelas ciências sociais a partir dos anos 2000 (ANDRADE, 2019). Desse modo, este trabalho mapeia as análises de Bauman em torno do neoliberalismo e realiza uma organização crítica de seu pensamento à luz de sua obra e de autores que nele se inspiram, entrelaçando-a à revisão de literatura constituição e consequências do neoliberalismo sob o prisma da liberdade. Nesse sentido, os anos 2000 para Bauman representam a compreensão da liquefação moderna que assume um caráter de validade interpretativa quando lida de maneira crítica ao neoliberalismo, conforme a filósofa italiana Donatella Di Cesare⁴. Para a autora, a ideologia neoliberal precariza e expande as instabilidades do mundo sócio-político. A crítica às sociedades individualizadas e líquidas de Bauman denunciam a falta de vínculos, insegurança e medos cunhados pelo neoliberalismo por meio da desregulamentação e liberdade individual separada do corpo político. Para Wagner (2020), Bauman se opôs ao discurso do mundo neoliberal como um crítico do consumo nas sociedades líquidas, ou seja, se demonstrou cético ao poder exclamado por uma ideia de sujeito neoliberal que é livre para conseguir o que quer. Como alega Bauman (1989), essa liberdade de uns pode significar “não-liberdade” para outros, pois liberdade é poder e uma relação social tácita (Bauman, 1989; 1998a).

⁴ Citação de artigo de revista de divulgação científica. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/585900-bauman-critico-da-modernidade-e-as-existencias-liquidas-sempre-em-risco-artigo-de-donatella-di-cesare>. Acesso em: 25 de abril de 2020.

LIBERDADE (S)

O tema liberdade perpassa a obra de Zygmunt Bauman. Por isso, inferiu-se uma genealogia do conceito de liberdade, dividida em três períodos. A fim de considerar as proposições do autor sobre as relações sociais em sociedades modernas e capitalistas, cujo número significativo de pessoas têm liberdade e outras não. A oposição existente entre indivíduos que gozam de liberdade e os “não-livres” (BAUMAN, 1989) fundamenta uma das mais elucidadas definições de liberdade cunhadas por Bauman durante a segunda metade do século XX. À época, no exercício de suas atividades sociológicas, Bauman (1989), afirma que liberdade individual não é um dado adquirido pelo indivíduo, e por vezes erroneamente é encarada dessa forma. Liberdade está intrínseca a uma condição de aparecimento e desaparecimento numa conjuntura social. O mesmo conclui que liberdade só existe numa relação social.

Durante a década de 70, Bauman resgatou, revisou e remodelou os elementos do marxismo ortodoxo (SMITH, 2017) apreendido ao longo de anos passados em sua inserção nas instâncias intelectuais, políticas e militares da URSS. Assim, surgiram obras como: *Culture as Paxis* (1999c), *Socialism the Active Utopia* (2009) e *Towards a Critical Sociology* (2010). As duas décadas posteriores, ou seja, de 80 e 90 para Bauman o situaram numa Sociologia Pós-moderna com livros tais como *Legisladores e Intérpretes* (2010), *Modernidade e Holocausto* (1998b), *A Liberdade* (1989), *O Mal-estar da Pós-modernidade* (1998a), *Modernidade e Ambivalência* (1999a) e demais que foram escritos antes da fase líquida, isto é, *a posteriori* à sua perspectiva de pós-modernidade⁵.

Nesta perspectiva, Zygmunt Bauman conceituou liberdade ao longo de sua obra como atrelada à sociedade, ao público, ao coletivo e outras categorias imbricada às relações sociais. Nesse sentido, o que a põem em contramão a racionalidade neoliberal predominante a partir da segunda metade do século XX e noções de liberdades individuais, dissociadas do social, cunhadas pelos principais teóricos do neoliberalismo como Friedrich Hayek e Milton Friedman. Noções essas, pertinentes para escolas neoliberais como a Escola Austríaca,

⁵ Bauman à época foi reconhecido como um teórico expositor da pós-modernidade. Sua perspectiva se distinguia de outros teóricos contemporâneos como Jean-François Lyotard, Anthony Giddens, Ulrich Beck entre outros, pelo fato de enfatizar que a ascensão de um modelo de individualidade privatizada não tenderia a garantir mais liberdade aos indivíduos, esse processo os situavam consumidores cada vez mais imersos na insegurança.

Escola de Chicago e instituições como a Sociedade de Mont Pèlerin, além em parte terem fundamentado a experiência neoliberal durante a ditadura chilena de Pinochet (1973-1990), e outros governos, como de Ronald Reagan (1981-1989) nos Estados Unidos e de Margareth Thatcher (1979-1990) no Reino Unido. Desse modo, serão essas interfaces por vezes implícitas a obra de Bauman como crítica ao neoliberalismo, pouco exploradas pela literatura sociológica brasileira, que serão desenvolvidas adiante.

Liberdade o quê?

Zygmunt Bauman escreveu sobre liberdade de modo assíduo. Mas, somente a partir da década de 80 que o conceito foi esboçado de maneira mais abrangente através do livro de mesmo título, *Freedom* (1988), cuja edição portuguesa, *A Liberdade* (1989), foi fundamental para a elaboração desta pesquisa. Por isso, considera que durante as três últimas décadas do século XX foram desenvolvidos ao menos dois eixos fundamentais do tema liberdade na obra de Bauman e um terceiro já neste século.

LIBERDADE COMO UM CONCEITO

Primeiramente, em Bauman (1999 c) é desenvolvida a proposição de que cultura sendo marcadamente humana é ambivalente. Desse modo, essa ambivalência somente pode ser interpretada após a criação do conceito de cultura no século XVIII, fato atrelado ao processo civilizador hierárquico e em sua tentativa de ser universal se deu de modo a solapar pluralidades humanas (BAUMAN, 1999a). As contradições modernas quando lidas a partir dessa noção de diferença, isto é, hierárquica possibilita verificar tensões que são arbitrárias a determinados grupos, mas que privilegiam outros. É justamente em *Legisladores e Intérpretes* (2010) que Bauman aborda a estruturação de um poder assimétrico propriamente moderno calcado na vigilância. Para Bauman:

Talvez a mudança mais importante tenha sido o fim da reciprocidade da vigilância. Outra maneira de dizê-lo é que as novas instituições eram baseadas numa assimetria de controle. A atividade de vigilância passa a dividir o grupo afetado em duas subseções nítidas e permanentemente separadas: os vigiantes e os vigiados. Como tal, a assimetria de poder não era uma invenção nova; foi um fator constante em todos os tipos conhecidos de sociedade (BAUMAN, 2010, p. 71).

A mudança social cunhada na oposição entre grupos se estende a partir do século XVIII, inicialmente como um mecanismo disciplinador panóptico Jeremy Bentham interiorizado nas sociedades capitalistas modernas.

Em *A Liberdade* (1989), Bauman vai desenvolver a ideia anterior, porém, sob a problemática de que liberdade é tácita e existe de modo indissolúvel às relações sociais. Desse modo, logo se evidencia uma proposição, *sine qua non*, para a sustentação de que se liberdade verifica-se de modo atrelada ao social, a mesma ocorre, invariavelmente, de maneiras díspares em sua qualidade, essa última, sendo proporcional à divisão social manifestante. Com isso o mesmo afirma que “a liberdade nasceu como um privilégio e assim se tem mantido desde então” (BAUMAN, 1989, p. 21), dessa maneira, as palavras de Bauman direcionadas à liberdade entre os indivíduos, evidencia que não se trata de uma condição adquirida no âmbito individual, tão pouco uma propriedade ou aquilo que possibilite indivíduos proferirem a frase “podemos dizer o que quisermos. Estamos num país livre” (BAUMAN, 1989, p. 9). Liberdade não está fora da política e do social e sim intrínseca a essas categorias. Assim sendo, Bauman declara que a liberdade se configura como um fator determinante para a produção e a reprodução da ordem social.

Sob essa perspectiva, liberdade individual está mais para a cartografia de desigualdades modernas das sociedades capitalistas do que para a ausência de restrições. A noção de liberdade é descrita por Bauman como um conceito complexo que carece de estudos sociológicos, repleto de significados por parte de indivíduos e de modo ainda menos perscrutado, é uma forma de poder gerido historicamente por intelectuais e legisladores, sendo esses, fundadores de modelos sociais de restrição e controle. Neste derradeiro ponto, Bauman (1989) encara a dialética com o utilitarismo de Jeremy Bentham e o funcionalismo de Talcott Parsons, esse último menos enfatizado, para a constatação de sua indagação de liberdade como relação social. Destarte, Bauman considera que Michel Foucault realizou uma “hábil interpretação” (p.23) da obra *O Panopticon* de Jeremy Bentham ao ponto de revelar seu significado, mas não tornou explícito ao associar, proeminentemente, o *Panopticon* com um modelo disciplinar de poder manifestado em artifícios arquitetônicos como prisões, escolas, hospitais, dentre outros, as ordens sociais que demonstram realidades coexistentes e opostas como: “liberdade” e “não-liberdade”, “ação autónoma” e “ação comandada”.

Bauman reitera que essas oposições não são produto de uma aleatoriedade estrutural, muito menos de um relacionamento social espontâneo, são a expressão máxima de intencionalidades e administrações concebidas cientificamente e politicamente para distinguir “inspectores” e “reclusos” (p. 30) estratificando, assim, a sociedade. Este processo se dá através de tecnologias de poder que se baseiam em *tratar e vigiar* (BAUMAN, 1989), ao invés de *punir* em suplícios os corpos enquanto objeto principal da repressão penal, mudança que para Foucault se inseriu por meio da *disciplina infinita* (FOUCAULT, 2014), encarada por Bauman (1989) através da perspectiva de que o *panopticon* é uma alusão à estratificação social. O Panóptico para o idealizador a partir de sua arquitetura torna-se aplicável “[...]a todos e quaisquer estabelecimentos” (BENTHAM, 2008, p. 19) cujos propósitos estejam ligados a inspeção de um número determinado de pessoas “sob a vista das pessoas que devem inspecioná-las” (BENTHAM, 2008, p. 20). Além disso, a supremacia de seus propósitos depende diretamente dessa constante inspeção. O utilitarismo de Bentham é inseparável da ideia de que se um ato for “bom” ou “ruim” serão as individualidades que determinarão, por meio da dualidade de maximização dos prazeres e minimização das dores. Desse modo, o panóptico assume uma noção de utilidade, praticada e igualmente contestada desde o século XVIII.

A postura utilitarista introduzida Jeremy Bentham e revisada por seus discípulos entre tais, John Stuart Mill ao centrar-se na noção de minimização das dores para a maximização dos prazeres, intensifica uma mudança de posição em relação ao debate anterior, cunhado pelo liberalismo clássico desde Adam Smith sobre o prisma do interesse individual como sendo mais pertinente para a possibilidade de relações sociais do que a proposição de lealdade à humanidade ou coletividade (FRANCO *et al.* 2020). Portanto, a noção de utilidade faz com que o panóptico seja um modelo disciplinar a ser empregado. Bauman (2010), defende que sistemas sociais são idealizados por intelectuais e aplicados por políticos e demais grupos que detenham o poder que é a liberdade de não ser inspecionado, através dos ditames de mecanismos de produção e reprodução de normas sociais. Ademais, Franco *et al.* (2020) ressalta que a utilidade alinhada à disciplina em termos do neoliberalismo explicita uma articulação econômico-psicológica, cujo a base é o conceito de interesse. De acordo com essa análise:

Desde o surgimento da economia política, em meados do século XVIII, o conceito de *interesse* serve de fundamento para a concepção liberal e ação humana. O fato de “*interest*”, em inglês, também significar “juro” já indica sua afinidade com o mercado (extrapolando essa relação para o âmbito do neoliberalismo, vale lembrar que a finalidade na base do conceito de “capital humano” é a autovalorização através da educação, tal como o juro valoriza o capital). Tal afinidade remete ao fato de que o surgimento da doutrina liberal se confunde com a ascensão da burguesia industrial. (FRANCO *et al*, 2020, p. 50)

Sob essa perspectiva, quando o princípio da livre concorrência é enfatizado pelo neoliberalismo, o mesmo se ancora num complexo de distinção entre liberdade individual e sociedade. Sendo os interesses individuais e os interesses de mercados atrelados a uma ideia de liberdade abstraída da sociedade. A defesa dessa abstração da escolha individual do coletivo está contida em Hayek (2010) sendo somente através desse modelo o alcance da “sociedade livre”. Franco *et al*, (2020) ressaltam que a afirmação de Hayek põe a individualidade como divisor entre boa e má política, sendo tendenciosa a oposição com modelos “coletivistas”. Sendo a liberdade para Hayek conforme Franco *et al*, (2020) garantida por uma instância supra individual imprevisível, os mercados. Essa crítica, quando realizada tendo como pano de fundo o conceito de liberdade em Bauman (1989) intrínseco às relações sociais; como gênese ambígua de sistemas sociais; como mecanismo produtor e reproduzidor de oposições entre sujeitos livres e “não-livres”, expressa elementos pertinentes para a problemática da condição genealógica da liberdade no neoliberalismo.

De modo que Bauman (1989), recorrendo ao conceito de “sociogênese” da liberdade em Norbert Elias, entendendo-o como deslocamentos em contornos sociais que modificam redes de dependências e interações humanas, por meio da liberdade e como esta é atribuída a cada tempo histórico, pode-se verificar as mudanças das estruturas e processos sociais. Com isso, para Bauman (1989), a história da liberdade moderna está entrelaçada a uma certa centralidade da individualidade como valor e singularidade humana no discurso filosófico-econômico moderno. Assim, o autor critica essa centralidade da liberdade evidenciada como uma faceta da economia capitalista que é como ressaltada em trechos anteriores, ambivalente, cuja sua eficácia exige que grupos marginalizados permaneçam em estado de “não-livres”.

No que se refere à autonomia individual enquanto condição intrínseca a sociedades modernas em Bauman (2010), elenca que seu projeto esteve subordinado a uma categoria sintomática das transformações capitalistas aceleradas pela “autoregulação” dos e para os

mercados: a liberdade de escolha do consumidor. Dessa maneira, Bauman problematiza a diminuição do Estado frente ao consumo individual ampliado. Um processo no qual o Estado passa a empregar meios políticos entrincheirados a um caminho tendencioso ao domínio dos mercados, o que ele chama de “remercadorização”, essa “autorregulação” das iniciativas privadas.

Ainda de acordo com o autor, sem legitimação sistêmica estatal a integração social passa a ser mediada pelos mercados. Há aqui, elucidada uma crítica ao *establishment* entrelaçado a globalização acirrada por mudanças neoliberais operantes entre a década de 80 e 90. Bauman diretamente não cita, tão pouco descreve e refuta as teses de Friedrich Hayek, mas se contrapõe à ascensão da conjuntura manifestante à época, à qual teve suas bases almejadas no trabalho de Hayek. Como demonstra Brown (2019), a liberdade e o “desenvolvimento civilizacional” para Hayek são garantidos pelo mercado e pela moral, nunca pela sociedade. Essa é uma perspectiva analítica importante para Bauman, pois direciona sua sociologia, mediante o conceito crítico de liberdade até aqui abordado, para uma crítica ao sistema capitalista, no final da década de 80. Ao longo da década de 90, essa problemática foi retomada em outras obras, de maneira ramificada e atrelada a outros conceitos que fundamentam a crítica de Bauman à modernidade, como segurança, insegurança e ambivalência. Inclusive, a crítica ao neoliberalismo.

Liberdade e Segurança

Houve uma revisão analítica na década de 90 do conceito de liberdade em relação a realizada por Bauman durante a década de 80. O eixo central dessa mudança se trata de sua relação indissociável com a noção de segurança. Trabalhar essa relação é também investigar as interfaces teóricas de Bauman com a psicanálise. Pois, em *O mal-estar da pós-modernidade* (1998a) Bauman realiza uma reflexão sociológica que atualiza à diagnóstica de Sigmund Freud contida em *O mal-estar na cultura* (2012) de que a normatização civilizacional baseada na garantia da segurança pela repressão da liberdade gera mal-estar. Para Bauman, no final do século XX a condição de troca era análoga à explicitada por Freud, entretanto, o discurso daquelas sociedades de cunho neoliberal estava mais para o enaltecimento da liberdade individual do que para condições de segurança de coletividades (AQUINO e LIMA FILHO, 2021). Bauman (1998a), retoma a discussão acerca dos princípios de beleza, pureza e ordem que se inserem nas interações sociais, para Freud princípios próprios da civilização. O autor polonês argumenta que tais não foram abandonados na

experiência da modernidade ou para ele naquela etapa da obra, pós-modernidade e sim, teriam sido canalizados para a sustentação de um imperativo: a liberdade individual.

Justamente aqui, Bauman vai reler a tese do mal-estar em Freud sob olhares sociológicos, destacando que Freud foi um dos autores que evidenciou a atividade moderna de pensar sobre si mesma, ou seja, só a sociedade moderna pensou sobre si como uma “cultura” ou uma “civilização” (BAUMAN, 1998a). Nesse sentido, Habermas (1990), frisa que o caráter de uma subjetividade e anseio de autodeterminação instaura a consciência de época presente em relação a noção de futuro na modernidade, isso foi fundamental para que a criação de normas inéditas para regerem a própria modernidade e não uma dependência de critérios de orientação. Daí os termos “tempos modernos” e “novos tempos” emergirem no imaginário intelectual e filosófico desde o século XVIII, precisamente a partir da filosofia hegeliana. Em Freud (2012), essa autoconsciência da civilização, leia-se modernidade, gera mal-estar. Para Freud, a civilização pressupõe a necessidade de enaltecimento de segurança e redução de liberdade individual, sendo esta última, mais presente em períodos longínquos e antecedentes à própria civilização (FREUD, 2012). Para Aquino e Lima Filho (2021), a conclusão de Bauman para o problema levantado evidência que o valor de liberdade trazido por forças do neoliberalismo em expansão na década de 90 fez com que instituições, governanças e sociedades sobrepusesse o valor de liberdade individual sobre valor de segurança, sem garantias de bens sociais, caracterizando ascensão de novas facetas de um mal-estar civilizatório. O conceito de segurança para Bauman (1998a) pode ser interpretado como aquilo que possibilita hábitos, estruturas e relações arraigados na coletividade. Sem a ideia de segurança, entendo-a como coletividade criada pelas condições de solidariedade entre os indivíduos viventes no espaço comum que diminuem as vantagens societárias da política. Segurança está para a previsibilidade do mundo como marca da modernidade e daí também advém a sua ambivalência. Para o mesmo:

Um mundo ordeiro é um mundo no qual “a gente sabe como ir adiante” (ou, o que vem a dar no mesmo, um mundo no qual sabemos como descobrir – com toda certeza – de que modo prosseguir), um mundo no qual sabemos calcular a probabilidade de um evento e como aumentar ou diminuir tal probabilidade; um mundo no qual as ligações entre certas situações e a eficiência de certas ações permanecem no geral constantes, de forma que podemos nos basear em sucessos passados como guias para outros futuros. Por causa de nossa capacidade de aprender/memorizar, temos um profundo interesse em manter a ordem do mundo. (BAUMAN, 1999a, p. 10).

Assim, o elemento fundamental desse processo na constituição de sociedades capitalistas modernas se deparou com perdas de vínculos, flexibilizações e inseguranças. O oposto do que foi contemplado pela modernidade. Com isso, segundo o autor, "o mundo moderno é um mundo de conflito; é também o mundo de um conflito que foi *interiorizado*, que virou um conflito interior, um estado de ambivalência e contingência pessoais. (BAUMAN, 1999a, p. 188). Essa interiorização das ambivalências modernas tem outra face, subliminar, o mal-estar. Para Junior (2018), o mal-estar identificado por Freud não tem a mesma essência do mal-estar manifestante na atualidade e mudanças de sua essência não foram explicadas por Freud, por isso há necessidade de revisão desse conceito em cada época. Desse modo, Aquino e Lima Filho (2021), defendem que a revisão realizada por Bauman introduz questões intrínsecas a problemáticas de sociedades neoliberais durante a década de 1990.

Nesse contexto, essa última questão é retomada em Bauman (1999b), para o mesmo, a globalização conseguiu solapar o sentido comum de comunidade e promover um individualismo que prende ao território um grande contingente da classe trabalhadora, negando as possibilidades de consumo ao passo que para as elites, fomenta uma extraterritorialidade e liberdade de consumo exacerbada, ou seja, uma elite beneficiada pela financeirização, privatizações e desregulamentações trazidas pelo neoliberalismo. Nesse sentido, Bauman (2000) *apud* Bourdieu (1998a) discute o modo como as teorias e práticas neoliberais se manifestam como um programa cujo intuito é destruir estruturas coletivas, que durante a modernidade se opuseram às lógicas dos "mercados puros". A diminuição de estruturas coletivas parece ser concomitante às características da modernidade líquida de Bauman. Suas consequências são complexas e controversas.

Os desdobramentos entre Liberdade e Segurança

Em 2000 Bauman publica a primeira edição de *Modernidade Líquida* e utiliza uma metáfora da propriedade físico-química da água de fluidez para tratar das transformações aceleradas das estruturas e relações sociais. O sociólogo dedicou-se a perscrutar seu conceito de modernidade líquida em um mundo marcado pelo neoliberalismo sistêmico e expandido e não mais a partir de conjunturas de sua idealização e prática primeira como foi no século passado. Desse modo, a modernidade líquida para Bauman (2001), impacta a vida social de maneira a aprofundar modos de vidas individualizadas, privatizadas e flexíveis. Trata-se de elementos que se contrapõem à fase sólida da modernidade, que centralizou-se na promoção

de estruturas societárias baseadas na segurança. Contudo, liberdade e segurança têm seus desdobramentos em ambas experiências históricas da modernidade, ou seja, sólida e líquida.

Em *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas* (2008), o autor retoma o tema abordada em seu livro sobre o mal-estar sob o viés de permanência da tensão entre segurança e liberdade ainda baseado na revisão da diagnóstica de Freud, mas inferindo que a outra face do processo de individualização massivo na sociedade é a corrosão lenta de desintegração da cidadania. As investigações desse fenômeno por outras matrizes teóricas também veem a desintegração da cidadania por via da individualização exacerbada, esta cunhada na liberdade individual neoliberal. Como a ascensão de movimentos de direita e extrema direita em vários países que se negam às pautas políticas de minorias e justiça social. Nessa esteira, Brown (2019) ressalta como a racionalidade neoliberal preparou o terreno para mobilizar e legitimar forças da política antidemocráticas em diversos países.

Ainda no tocante ao problema, os efeitos da modernidade líquida se manifestam de mãos dadas com as consequências do neoliberalismo, pois tanto para um parâmetro quanto para o outro há o fundamento na exacerbação da liberdade individual distante do social. Com isso, em *O Retorno do Pêndulo: sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido* (2017), escrito em coautoria com o psicanalista Gustavo Dessal, Bauman realiza uma de suas últimas discussões sobre o tema liberdade e segurança, no capítulo primeiro intitulado: “Liberdade e Segurança: um caso de *Hassliebe*”. O mesmo adverte que oitenta anos depois da conclusão de Freud sobre a ascendência dos mal-estares psicológicos em sociedade estarem relacionados à condição de supressão da liberdade para um excesso de segurança, o contemporâneo expõe facetas do mal-estar íntimas de uma renúncia a possibilidades de segurança por uma noção de liberdade inaudita.

A evidente oposição à ideia de liberdade individual separada da sociedade na literatura baumaniana corresponde em termos categóricos de análise a um período de vinte anos, ou seja, de Bauman (1998a) a Bauman e Dessal (2017). Ademais, percebe-se que essa proposição implícitamente, pois não faz citação, refuta os pilares teóricos da racionalidade neoliberal encontrados na obra de Friedrich Hayek. Do seguinte modo, Hayek em *O caminho da Servidão* (2010) cuja primeira publicação inglesa data de 1944, defende no capítulo nove de título “Segurança e Liberdade” que, segurança entendida num sentido absoluto e sendo desencanado “empenho geral” para conquistá-la gera impossibilidade e

ameaça à liberdade. Os termos postos entre aspas nos trechos anteriores designam um sentido de esforço coletivo, mobilização social em torno de pautas intrínsecas à noção de justiça social, o que Hayek visualiza como ameaçador à liberdade. Portanto, a sociologia de Bauman nesse eixo teórico é contrária à economia política de Hayek, como exemplo Bauman (2000), ressalta a necessidade de se trazer do exílio ideias de sociedade, bem público e justiça.

Também, Hayek (2010), afirma que a segurança só pode ser conquistada com a repressão do livre mercado. Para o mesmo, a aglutinação em torno da defesa da previdência social e defesa dos indivíduos pelo Estado só devem ser compatíveis com excepcionalidades dos sistemas sociais como catástrofes, crises entre outros. O livre mercado e os indivíduos em sua liberdade devem reger os sistemas sociais. Uma sociedade que busca a segurança, garante através de políticas governamentais o privilégio da segurança a um grupo e aumenta a insegurança dos demais. O mesmo conclui que isso solapa o “amor à liberdade”. Os sistemas de mercados é o único que tem legitimidade para garantir alguma forma de segurança, através do “controle” da produção, o que para o mesmo deve haver “[...] necessariamente uma redução de oportunidades para os demais” (HAYEK, 2010, p. 134). Para Silva *et al.* (2020), a não interferência nos mercados ressaltada por Hayek é mesmo que não restringe o valor da liberdade. Para os autores, o mesmo recorre a um “evolucionismo abstracionista” para defender a não regulação dos mercados, sendo esta maneira a mais viável para menos segurança e coletividade.

Além disso, Brown (2019), demonstra que a “expansão da esfera pessoal protegida” (p. 128) defendida por Hayek como a única capaz de se opor ao coletivo e ao social inaugura nexos entre tradicionalismo e liberdade. Outra maneira de promover o afastamento dos discursos em torno do social, foi proposta por Milton Friedman, sua defesa de maximização dos lucros está diretamente relacionada a desconsideração da esfera social (BROWN, 2019; SILVA *et al.* 2020), sendo possível inferir distinções com Bauman. Segundo Friedman (2014) a organização econômica do capitalismo diretamente promove a “liberdade econômica” e possibilita a “liberdade política”, uma vez que distingue o poder econômico do político. Para Brown (2019), quando Friedman argumenta sobre essa distinção, tende a desconsiderar o exercício do poder político, inclusive a maioria popular, pois, liberdade para ele é sinônimo de exclusão de pautas legisladas e coerções. O “capitalismo competitivo” garantidor da liberdade para Friedman (2014) representa para Bauman (2000), a “violência

estrutural” do desemprego, da precarização e expansão das desigualdades. Tornando de fato os indivíduos párias e excluídos de um modelo global de consumo (BAUMAN, 1999b).

Bauman (2007), alega que um mundo globalizado marcado pela desregulamentação dos mercados foi um fator preponderante para a separação cada vez mais constante entre o poder do capital e a política, algo impensável nos primórdios do Estado-nação, mas que avança com um “mundo líquido”. No que se refere ao último fator, na perspectiva do psicanalista Gustavo Dessal, em concordância com Ulrich Beck e Zygmunt Bauman, explicita que a manipulação de indivíduos pelo discurso neoliberal, os levam a buscar soluções de âmbito biográfico para problemas de ordens sistêmicas. Ou seja, subjetividades são estremecidas para que haja um favorecimento ao neoliberalismo (BAUMAN e DESSAL, 2017).

Aqui, cabe salientar que o neoliberalismo de modo complexo manipulou mecanismos subjetivos humanos a seu favor, através de seu discurso. Bauman (2015), respondeu uma pergunta voltada a temática da liberdade, realizada Michael Hviid Jacobsen e Keith Tester, argumentando sobre constatações empíricas, à época, que estariam desencadeando novos esquemas de troca entre liberdade e segurança, trazendo novas consequências à modernidade (BAUMAN, 2015). Por fim, o neoliberalismo e a modernidade líquida não como conceito, mas enquanto fenômenos e mudança social explicitam liberdade individual como um valor central. Ambos, têm consequências análogas: flexibilização dos laços de solidariedade, aversão a maneiras de coletividade e garantias de justiça social, insegurança sistêmica, mal-estar, avanço das lógicas de mercados e retração do Estado social, liquefação das relações sociais e exacerbação da ideia de utilidade e interesse na esfera individual, dentre outras que se expressam na contemporaneidade neoliberal e líquida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, ao pesquisar a obra de Zygmunt Bauman e o neoliberalismo a presente pesquisa delimitou-se à investigação do conceito de liberdade e suas múltiplas interpretações emergidas na mudança social desde o século XX. Evidencia-se um entrelaçamento bibliográfico entre literatura crítica ao neoliberalismo, suas matrizes teóricas e escritos próprios da sociologia baumaniana. No que diz respeito à obra pesquisada, houve um mapeamento bibliográfico do conceito de liberdade, encontrando

discussões autorais em mais de 15 livros de Bauman. Essa perscrutação foi dividida em três períodos, a fim de contextualizar os desdobramentos históricos e as conjunturas em que Bauman escreveu e publicou cada livro e encontrar nexos entre as diferentes abordagens do conceito. Assim, cada período foi evidenciado por uma obra chave que permite o aprofundamento com outras referências da literatura especializada, inferindo os complexos assertivos e limites da interpretação baumaniana.

Com isso, o primeiro período corresponde aos escritos da década de 70 que perscrutam o socialismo, o capitalismo e a cultura na modernidade até a publicação de *A Liberdade* (1989), onde a proposição de liberdade como relação social é introduzida; consecutivamente, até *O Mal-estar da Pós-modernidade* (1998a), onde é revisada por Bauman proposições da psicanálise freudiana sobre o mal-estar, sendo ampliado o problema da proporcionalidade entre segurança por liberdade oposto a Freud; o terceiro, expõe uma análise consequencialista à revisão de Bauman do agora sendo, liberdade por segurança que permeia toda Teoria da Modernidade Líquida e é retomada em *O retorno do Pêndulo: sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido* (2017).

A literatura crítica ao neoliberalismo passou por um período de revisão a partir dos anos 2000, entretanto, uma parte dos textos de Bauman discutidos se remetem às duas décadas anteriores. O que permitiu comparar uma visão descritiva de Bauman sobre as práticas de governos e teorizações sociais do neoliberalismo enquanto ocorriam, sendo investigadas hoje com perspectivas de relato histórico-sociológico. Então, foram trabalhados os diálogos indiretos entre críticos contemporâneos como Christian Dunker, Christian Laval, Nelson Junior, Pierre Dardot, Vladimir Safatle, Wendy Brown entre outros. Inclusive, o modo como esses autores abordam e criticam a obra dos teóricos fundadores do neoliberalismo. Outrossim, os pensamentos e impactos de Friedrich Hayek e Milton Friedman para a racionalidade neoliberal com suas noções de liberdades foram abordados a partir da prerrogativa da liberdade para Bauman. Esses dois teóricos e outros neoliberais de escolas econômicas diferentes divergem em vários pontos, mas convergem para a aversão à coletividade, segurança do bem-estar social, justiça social e outras categorias que ressaltam a sociedade. Essa convergência existe desde a fundação do neoliberalismo no Colóquio Walter Lippmann (1938) e institucionalização de suas matrizes com a criação da Sociedade de Mont Pèlerin (1947) e respondem a uma crítica ao liberalismo inserida nas tensões do início do século XX. Com isso, buscam superar o *laissez-faire*, desestabilizar o

keynesianismo, o Estado social. As noções de liberdade para os neoliberais são o epicentro das rupturas político-intelectuais com sistemas sociais imbricados a preponderância de coletividade, solidariedade e categorias semelhantes.

Então, se para Bauman liberdade é poder em uma relação social, o mesmo problematiza suas condições nas transformações de sociedades capitalistas e propõe repensá-la frente ao processo exacerbado de fragilização da solidariedade, distanciamento da política e justiça. Para Friedrich Hayek e Milton Friedman e outros neoliberais, liberdade é um valor ameaçado pela atuação do campo político, social e societário. Para os mesmos, o livre mercado possibilita a liberdade, o Estado social não. Bauman pensa de maneira contrária, aponta que não existe liberdade em processos de marginalização de indivíduos isolados pela lógica de consumo, flexibilização das atribuições sociais dos Estados, exílio do debate público e justiça social. A liberdade reivindicada em tais processos pelos neoliberais significa a “não-liberdade” dos reclusos da vida política. A modernidade líquida enquanto fase acelerada de modificações sociais acirra esses processos e a liberdade ainda continua entrelaçada à problemática de maneira central. O conceito liberdade elaborado por Bauman, atrelado a permanência de noções de solidariedade, justiça e política, influencia sua sociologia a ser crítica e contrária ao neoliberalismo. Por fim, o mundo líquido que Bauman criticou é o reflexo de um mundo exposto pelo neoliberalismo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Daniel Pereira. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. *Sociedade e Estado*, v. 34, p. 211-239, 2019.

AQUINO, S. L. LIMA FILHO, Sebastião André Alves de. **OS DILEMAS DE SEGURANÇA E LIBERDADE EM ZYGMUNT BAUMAN**: a ascensão do mal-estar hodierno. In: **IX ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**, 2021, Redenção - CE. VII Semana Universitária da UNILAB, 2021. Disponível em: <http://semuni.unilab.edu.br/modulos/src/parts/gerarTrabalho.php?idTrabalho=4493>. Acesso em: 25 de maio de 2022.

BENTHAM, Jeremy. *O Panóptico*. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BLYTH, M. AUSTERIDADE: a história de uma ideia perigosa. São Paulo: Autonomia Literária, 2017. 375 p.

BAUMAN, Zygmunt e **DESSAL**, Gustavo. *O retorno do pêndulo: sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

_____ e **LEONCINI**, Thomas. *Nascidos em tempos líquidos: transformações no terceiro milênio*. - 1º ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

_____. *A Liberdade*. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

_____. **A SOCIEDADE INDIVIDUALIZADA**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *Culture as praxis*. Sage, 1999c.

_____. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. *Globalização as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999b.

_____. **LEGISLADORES E INTÉRPRETES**: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999a.

_____. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a.

_____. **PARA QUE SERVE A SOCIOLOGIA**: Diálogos com Michael Hviid Jacobsen e Keith Tester. - 1º ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

_____. Socialism the Active Utopia (Routledge Revivals). Routledge, 2009.

_____. Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. Towards a Critical Sociology (Routledge Revivals): An Essay on Commonsense and Imagination. Routledge. 2010

BROWN, Wendy. **NAS RUÍNAS DO NEOLIBERALISMO:** a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2019.

CAMPBELL, Tom et al. **HIDDEN PATHS IN ZYGMUNT BAUMAN'S SOCIOLOGY:** Editorial Introduction. *Theory, Culture & Society* 2018, Vol. 35(7-8) 351-3. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0263276418767568>. Acesso em: 28 de maio de 2021.

COOPER, Melinda. **FAMILY VALUES:** Between Neoliberalism and the New Social Conservatism. New York: Zone Books, 2017.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo. Boitempo editorial, 2017.

DUNKER, Christian. A hipótese depressiva. In: **SAFATLE, V; DUNKER, C; SILVA, N.** (Orgs.). Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

DUNKER, Christian et al. Para uma arqueologia da psicologia neoliberal brasileira. In: **SAFATLE, V; DUNKER, C; SILVA, N.** (Orgs.). Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

HAYEK, F. A. O caminho da servidão. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

HABERMAS, Jürgen. O Discurso Filosófico da Modernidade. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

JUNIOR, Nelson. O mal-estar no sofrimento e a necessidade de sua revisão pela psicanálise. In: **SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian** (Orgs.). *Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico*. São Paulo: Autêntica Editora, 2018.

JUNIOR, Nelson da Silva. **O BRASIL DA BARBÁRIE À DESUMANIZAÇÃO NEOLIBERAL:** do “Pacto edípico e pacto social”, de Hélio Pellegrino, ao “E daí?” de Jair Bolsonaro. In: **SAFATLE, V; DUNKER, C; SILVA, N.** (Orgs.). Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FRANCO, Fábio et al. **O SUJEITO E A ORDEM DO MERCADO:** gênese teórica do neoliberalismo. In: **SAFATLE, V; DUNKER, C; SILVA, N.** (Orgs.). Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FOUCAULT, Michel. **VIGIAR E PUNIR**: o nascimento da prisão. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

FRIEDMAN, Milton. Capitalismo e liberdade. LTC, 2014.

SMITH, Dennis. The Fateful Adventures of the Good Soldier Bauman. An Appreciation of Zygmunt Bauman (1925–2017). *Historická sociologie*, 2017. Disponível em: https://karolinum.cz/data/clanek/3782/Historicka_sociologie_1_2017_04_Smith.pdf
Acesso em: 21 de maio de 2021.

_____. **EXPLORING MODERNITY'S HIDDEN AGENDA IN EUROPE**: The complementary contributions of Zygmunt Bauman and Ernest Gellner. In: *Beyond Bauman*. Routledge, 2016. p. 175-193. Disponível em: https://tarantula.ruk.cuni.cz/AKTUALITY-2015-version1-ds9_modernitys_hidden_agenda_.pdf Acesso em: 25 de maio de 2021.

SAFATLE, V; **DUNKER**, C; **SILVA**, N. (Orgs.). Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SILVA, Daniel Pereira da *et al.* Matrizes psicológicas do episteme neoliberal: a análise do conceito de liberdade. In: **SAFATLE**, V; **DUNKER**, C; **SILVA**, N. (Orgs.). Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

WAGNER, Izabela. **BAUMAN**: Uma biografia. - 1º ed.- Rio de Janeiro: Zahar, 2020.